

## O UNIVERSO IMAGINÁRIO DA INFÂNCIA EM JOÃO MANUEL SIMÕES

Sueli Aparecida Da Costa<sup>1</sup>  
Antonio Donizeti Da Cruz<sup>2</sup>

**Resumo:** Nos devaneios voltados à infância, os poetas conseguem trazer para o espaço do poema as cores da primeira infância, proporcionando a união entre poesia, memória e imaginação. A luz de teóricos como Octavio Paz, Gaston Bachelard e Gilbert Durand, o objetivo deste texto é analisar como o poeta João Manuel Simões incorpora e resgata em seus poemas as imagens da infância, percorrendo o universo imaginário numa viagem em versos.

**PALAVRAS-CHAVE:** infância, poesia, imaginação.

**Abstract:** In the reverie related to the infancy, the poets are able to bring to the space of the poem the colors of the first infancy, providing the bond between poetry, memory and imagination. The light of theorists as Octavio Paz, Gaston Bachelard and Gilbert Durand, the objective of this text is to analyze how the poet João Manuel Simões joins and rescues in his poems the images of infancy, going through the fanciful universe in verses.

**KEY WORDS:** infancy, poetry, imagination

Na literatura brasileira, o tema da infância é recorrente, sendo recordado, quase sempre, pelo tom memorial e evocativo. Basta lembrar nomes como Cassimiro de Abreu, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Mario Quintana, João Manuel Simões, Helena Kolody, Adélia Maria Woellner e tantos outros grandes poetas que cantaram e cantam a infância, evocando a nostalgia e o encantamento das recordações infantis guardadas na memória ou despertadas pelo devaneio poético.

Os poetas convidam o leitor a imaginar a infância perdida, ensinando “as audácias da memória”. É como se o devaneio volta-

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Metrandia em Letras pela mesma instituição. Contato: [csuelicosta@yahoo.com.br](mailto:csuelicosta@yahoo.com.br) ou [suelicost@hotmail.com](mailto:suelicost@hotmail.com).

<sup>2</sup> Graduado em Letras, Mestre em Teoria da Literatura pela PUCRS e Doutor em Literatura Brasileira pela UFRGS. Docente do colegiado de Letras da Unioeste campus de Marechal Cândido Rondon e docente do Mestrado em Letras, Unioeste. Cascavel.

do à infância devolvesse vida às vidas que não aconteceram – “o devaneio é uma mnemotécnica da imaginação” (BACHELARD, 2001:107). As imagens da infância, presentes na poesia, fazem reviver as lembranças e (re)imaginar a infância, como se esta fosse um “estado de alma” que ajudasse a pôr o ser em repouso, revivendo a infância sem suas turbulências, pois o devaneio oculta os acontecimentos hostis: traz a paz e o repouso (2001:126).

Na lírica de João Manuel Simões, há a forte presença de imagens voltadas à infância, por meio do entrelaçamento de acontecimentos que evidenciam a memória individual e coletiva, como também acontecimentos imaginários que adquirem um valor universal na medida que dialoga com a sublime magia que encanta as recordações pueris. O poeta nasceu em Portugal, em 1939, mas, desde 1953, radicou-se em Curitiba, contribuindo consideravelmente com a literatura paranaense em um acervo que soma cinquenta livros publicados. A força de expressão de sua lírica é uma poesia de referencial erudito, que mescla o tradicional e clássico ao contemporâneo e moderno. Nos versos de Simões, transparece a tentativa de unificar a arte e a vida, tendo como suporte a reflexão filosófica e literária, por meio da aproximação de temas do cotidiano e da condição existencial, da busca da liberdade, da brevidade da vida, a certeza da morte e da memória ligada à evocação da infância.

A imaginação é o vetor da criação poética e a grande missão do poeta, segundo Octavio Paz, consiste em atrair essa força poética que se acha contida no imaginário e convertê-la em descarga de imagens. A experiência poética é criação do homem pela imagem e pela linguagem; é o abrir das fontes do ser. Por meio da imaginação, o ser humano consegue dar forma as coisas mais tênues e se auto-afirmar enquanto ser no mundo. O poema apresenta-se como possibilidade aberta de significação, já que ele só se anima ao contato, à participação de um leitor que, durante a leitura, dará margem à imaginação, movimentando as imagens poéticas e alimentando-as com suas experiências. O poeta cria o poema, mas “o povo, ao recitá-lo, recria-o. Poeta e leitor são dois momentos de uma mesma realidade” (PAZ, 1982: 47).

A imaginação constitui a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, é fonte de equilíbrio e cria a fantasia poética, fazendo do poeta/leitor sonhador de palavras. O processo imagético e onírico é perene no ser humano e, ao longo da história da arte, a imaginação faz parte do processo criador. Poesia e imaginação são dotadas de uma magia

encantatória que desperta no homem a cosmologia da imagem, transformando as palavras em símbolos que transmitem sonhos e memórias partilhadas.

No dizer de Bachelard, é pela imaginação que se dá forma às imagens, pois na fenomenologia do devaneio poético, qualquer imagem, por mais simples que seja, é capaz de revelar o mundo. A poesia é o fio condutor das imagens e da imaginação; ela suscita a tomada de consciência dos fenômenos que ocorrem na alma do sonhador. O poeta está na condição de sonhador que, ao sonhar, oferece mundos que nascem de uma imagem cósmica elevada à potência máxima de exaltação. Conhecer a essência da imaginação implica lançar vôo no devaneio cósmico que alimenta as imagens poéticas. Bachelard afirma que compete ao poeta “o dever de ensinar-nos a incorporar as impressões de leveza em nossa vida, a dar corpo a impressões quase sempre desprezadas” (BACHELARD, 2001: 199).

Os poetas trazem para o espaço do papel a cosmicidade das imagens que evocam recordações e devaneios, canalizando memória e imaginação na essência das imagens poéticas. Assim, a poesia passa a ser “uma força de síntese para a existência humana” (BACHELARD, 2001: 119), pois une a imaginação e a memória, revelando estados da alma e, ao mesmo tempo, sendo convite ao devaneio poético: “o poeta dá à imagem um destino de grandeza” (2001: 168).

O poder da imagem simbólica reside na “*transfiguração* de uma representação concreta através de um sentido para sempre abstracto. O símbolo é, pois, uma representação que faz *aparecer* um sentido secreto, é a epifania de um mistério” (DURAND, 1995: 12. Grifos do autor). Neste sentido, a poesia é repleta de símbolos que constituem a cifra de um mistério, de um enigma que remete para um sentido que não está plenamente visível; são sinais que conduzem a um sentido, cuja metade (significado) encontra-se numa espécie de obnubilação, enquanto a outra metade (signo) é visível. De acordo com a classificação feita por Durand, o símbolo seria um “signo que remete para um indizível e invisível significado” (1995: 16) e, deste modo, só pode ser captado dentro de uma imaginação simbólica.

O leitor de poemas, antes de ser leitor, deve ser sonhador de palavras, de poemas e de mitos; saber ouvir – como o poeta – a “outra voz”, essa voz indizível, portadora das mais elevadas revelações que tocam diretamente na imaginação: dessa imaginação que constitui o capital pensado pelo *homo sapiens* ou

*homo symbolicum*. Isso porque a imaginação é uma rede complexa de relações e aparece como o “denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano. O imaginário é esta encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por um outro aspecto de uma outra” (DURAND, 2002: 18). No domínio da imaginação, a imagem não pode ser degradada, pois ela é portadora de um sentido que não deve ser procurado fora da significação imaginária.

Para Gaston Bachelard, é pela imaginação que damos formas às imagens; ela não é “a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que *cantam* a realidade” (BACHELARD, 2002: 18. Grifo do autor). A poesia constitui a matéria-prima para uma fenomenologia da alma, pois suscita imagens cósmicas que pertencem ao universo anímico da consciência humana. A imaginação faz a correspondência entre as imagens e as palavras e, nesta associação, o poema é uma fonte de evocação da memória e da recordação. Estudar as imagens da infância pela obra literária e pela palavra poética é uma forma de adentrar neste universo misterioso da imaginação simbólica, pois a arte é portadora de vozes que repercutem ecos ontológicos, voz que ecoa os tons da natureza e do homem: espelho da humanidade.

A poesia, como afirma Octavio Paz, exercita a imaginação, pois ela é “a memória feita imagem e esta convertida em voz. A *outra* voz não é a voz do além túmulo: é a do homem que está dormindo no fundo de cada homem” (1993: 144). Enquanto houver homem haverá poesia – “se o homem se esquecesse da poesia, se esqueceria de si próprio. Voltaria ao caos original” (1993: 148).

Bachelard, ao escrever sobre os devaneios voltados para a infância, afirma que há uma comunicação entre a nossa solidão de sonhador e a solidão da infância. Tanto é assim, que “quando, na solidão, sonhando mais longamente, vamos para longe do presente reviver os tempos da primeira vida, vários rostos de crianças vêm ao nosso encontro” (BACHELARD, 2001: 93). Bachelard reconhece na alma humana, a permanência de uma infância sempre viva, uma infância imóvel que está fora da história contada e lembrada, mas que se revela a nós apenas nos instantes de devaneio e iluminação

As imagens da infância, presentes nos poemas de João Manuel Simões, apenas confirmam a manifestação de uma infância permanente, uma “semprinfância” e, neste sentido, os de-

vaneios poéticos são a continuidade dos devaneios de infância. Mas, para que as imagens de criança retornem com a mesma beleza, a alma e o espírito devem estar em comunhão, já que os dois não possuem a mesma memória. Somente quando entram em harmonia é que a imaginação e a memória atingem a plenitude do devaneio – “imaginamos reviver o passado”. Os poetas lançam um convite à imaginação, a imaginar esta infância perdida, a inventar o passado, como se o devaneio voltado para a infância devolvesse vida às vidas que não aconteceram, mas que foram imaginadas na infância. O devaneio poético resgata estas imagens que ficaram na memória, esboçando a profundidade do tempo e da alma de criança num passado desaparecido.

Pode-se dizer, a partir disso, que “a poesia é uma força de síntese para a existência humana” (BACHELARD, 2001: 119), já que a ela possibilita analisar a infância de forma tão mágica, que traz para o espaço do poema o mesmo maravilhamento da infância vivida. Os poetas põem o leitor/ouvinte em presença de lembranças que revelam estados de alma, convidando-os a mergulhar nas profundezas da lembrança até encontrar a paz e reencontrar as imagens de seu passado. Assim, lembrança, poesia e imaginação caminham juntas quando se trata de devaneios voltados para a infância.

As estações da infância marcam a memória com signos indelévels; são lembranças revividas somente no devaneio e que permitem canalizar memória e imaginação na essência das imagens poéticas. No poema “Infância”, o poeta equipara a infância a um rio sereno e puro, que corre no curso da vida como doces lembranças que se projetam para o futuro:

Rio sereno e puro  
 (música a sua voz!)  
 a deslizar, alado,  
 por entre verdes margens.  
 Ah! pudéssemos nós  
 (breves, sutis miragens)  
 fazer desse passado  
 futuro!  
 (SIMÕES, 1983: 30)

Nota-se neste poema, a riqueza das imagens poéticas, que em consonância ao título, ganham grande poder enunciativo, uma vez que a presença da infância vem como um sentimento de uma recordação comparada à “sutis miragens”, que, além de provocar saudade, vem com um sentimento calmo, sereno, como uma voz que ecoa no íntimo do ser, alçando vôo na imaginação, e projetando no sujeito lírico uma viagem rumo ao passado ou à infância via imaginação. A presença da infância viva estende-se à vida adulta, já que o desejo do eu-lírico é “fazer desse passado futuro”, deixando que o rio da imaginação corra até os confins do seu ser, percorrendo “verdes margens”. No entanto, estas memórias da infância são breves e sutis, pois duram apenas os instantes em que o sujeito lírico encontra-se navegando o rio do devaneio e por entre margens e florestas de símbolos.

É com relação a estes instantes de fluidez e imaginação que a poesia corresponde a um breve prelúdio, no qual o poeta se deixa conduzir pela corrente da alma, ou como afirma Staiger, “há um discreto inflamar-se do mundo no sujeito” (STAIGER, 1997: 34), pois o poeta abandona-se à criação pela “disposição anímica”. Há uma unidade entre o trabalho e a inspiração, entre o mundo e o sujeito, em que a forma e o conteúdo estão ligados pela sonoridade das palavras. Estas, por sua vez, sugerem a disposição da alma do poeta, que se deixa conduzir pela imaginação e recordação e, ao fazer isso, transfere para o poema o mesmo encantamento de sua alma.

A poesia lírica é dotada de alma, pois constitui uma fluidez da imaginação na recordação. O poeta lírico não tem destino próprio, não cria história, ele deixa-se conduzir pela inspiração, pela “recordação”. No poema “Evocação da Infância”, o sujeito lírico faz uma volta à infância, através da recordação ou evocação, em uma espécie de tentativa de buscar explicações para transformar a existência e o viver: para entender o mistério da sua existência.

No fim do mar,  
                   muito longe, ficaram,  
                   no espaço azul secreto  
                                   da distância,  
 doces ilhas  
                   pretéritas:  
                   a casa, a igreja, a escola,  
                   a infância.

Vejo-as com olhos de alma,  
indistintas,  
desta maturidade  
que é meu porto.  
Mas quem será que as vê,  
de fato?  
O adulto  
ou o menino morto?  
(SIMÕES, 1982: 28)

A (re)aparição e recordação da infância distante suscitam no eu-lírico a saudade de um tempo que já passou, mas que deixou marcas indeléveis na alma. Mais que isso, o eu-lírico recorda com os olhos da maturidade, de uma maturidade que é seu porto e que permite resgatar a memória tão viva e presente, de tal modo que este sujeito lírico já não distingue quem realmente vê: se o menino ou o adulto. É como se no adulto existisse a presença incrustada do menino que ele foi, que não existe mais, mas que teima em voltar, sempre vivo em sua memória e recordação.

De algum modo, a infância direciona a vivência adulta, seja através da memória, lembrança, seja através dos ensinamentos ou da magia que envolve a infância. A beleza pura e simples do olhar de criança, que vê em tudo o lado mágico, belo e feliz, ou no dizer do poeta, esta infância que ficou “no fim do mar” e faz com que o eu-lírico projete no mundo o mesmo encanto da infância e abstraia deste encantamento os ensinamentos necessários à vida, para fazer de sua maturidade um porto seguro. Nestas doces “ilhas pretéritas” da reminiscência esconde uma infância sempre viva, imóvel e permanente, sobre a qual borbulha os “olhos indistintos” da imaginação.

As reminiscências, além de ajudar “a viver melhor” a maturidade, também auxiliam a entender o próprio ser, a encontrar a emoção primitiva, a origem do infinito mistério da existência, como pode ser observado no poema “Foto 3x4 Antiga”:

O seu olhar tão puro!  
E fita-se, passado  
presente no futuro...  
(SIMÕES, 1982b:53)

A temática do tempo e da memória, na lírica João Manuel Simões, revelam-se canais que ajudam a entender o fenômeno

que ocorre na consciência humana. É possível rever o mundo com as cores da primeira vez, com as lembranças indeléveis da infância, atravessar as idades sem envelhecer. A infância está na origem dos maiores devaneios, das maiores imagens, uma vez que a beleza das imagens reside no fundo de cada memória. Como um retrato antigo sempre novo, a memória vai construindo no presente a história do futuro, ajudando a moldar a história da humanidade.

Assim, a poesia é o fio condutor das imagens e da imaginação, ela suscita uma tomada de consciência dos fenômenos que ocorrem na alma do sonhador. Por isso, ela é força capaz de dar sentido a vida e clarificar a própria história. A poesia promove o encontro do homem consigo mesmo por meio da imaginação.

Nos versos de João Manuel Simões, as palavras transmudam-se em imagens que assumem a grandeza dos símbolos. Deixam de ser simples “moléculas de dicionário” para se revestirem de um dinamismo criador de sonho, de ritmo e beleza – de imaginação. João Manuel Simões nega-se a praticar o que ele chama de “mero halterofilismo verbal”, afirmando que a poesia é muito mais do que

[...] lenta peregrinação pelos labirintos onde se perdem os significados das coisas, mais do que uma perpétua resposta às indagações sibilinas da esfinge, mais do que construção de cosmos oníricos e desintegração de universos reais, mais do que um prodígio encantatório que vivifica e aliena, faz ascender aos céus e precipita nos abismos, mais, muito mais do que tudo isso, é vida. Vida e fonte de vida. Será isso muito? É muito e é tudo (SIMÕES, 1978: 67).

A poesia é uma matéria viva que traz em seu bojo o futuro do homem, as respostas, ou pelo menos, as insígnias que abrem as fontes do ser e da existência humana. Nos versos de João Manuel Simões, o poeta conduz o homem a uma viagem rumo ao infinito mistério do ser e da imaginação, não só pela evocação da infância, mas por toda a riqueza de imagens que despertam a memória do leitor por meio da imaginação simbólica.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os Sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BACHELARD, Gaston . **A Poética do Devaneio**. São Paulo : Martins Fontes, 2001.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1995.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arqueologia geral. 3 ed. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAZ, Octavio. **A outra voz**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

SIMÕES, João Manuel. **Suma poética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

SIMÕES, João Manuel. **Canto em mi(m) ou A secreta viagem**. Curitiba: Coleção Academia Paranaense de Letras, 1982.

SIMÕES, João Manuel. **Clareza e mistério da criação literária**: ensaios. Curitiba: Editora Lítero-técnica, 1978.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

Artigo Recebido em: 20/07/06

Aprovado em: 13/09/06